

**Mudar as regras
para preservar
as exceções**



A floresta não é a regra, ela é a exceção. Uma floresta como a amazônica, então, é completamente excepcional. A regra é o deserto, o parco, o pouco. A exuberância, a abundância, o transbordamento são de outra natureza. Não basta ter um conjunto de árvores, mesmo que ele seja muito grande, para se ter uma floresta. O coletivo de árvore não é floresta. Floresta é o coletivo de organismos diversos e interrelações profusas, organizados em uma paisagem onde, aparentemente, as árvores predominam. Mas, só aparentemente...

A Floresta Amazônica existe há pelo menos 50 milhões de anos. Nesse período, árvores nasceram, cresceram e morreram. Animais surgiram, andaram majestosos pela floresta ou se esconderam assustados nas sombras das folhas, e se extinguiram ou persistiram. Choveu mais, choveu menos, o clima se transformou, os solos se modificaram, rios apareceram e desapareceram. Mas a floresta continuou floresta.

Outros lugares desse planeta não tiveram a mesma sorte. O deserto do Sahara, por exemplo, já foi uma paisagem verdejante há cerca de 10 mil anos. Não se sabe bem ao certo o que transformou essa paisagem em deserto, há teorias que envolvem um sobre uso humano, relacionado em parte com o impacto dos animais pastando e outras, que colocam essa transformação na conta das mudanças de órbita da Terra. O fato, porém, é que paisagens

verdes e com água se tornam desertos áridos e secos. Os impactos para as populações locais foram, e são ainda, imensos.

Apesar de 10 mil anos ser bastante tempo, não há dúvida que a tecnologia pode acelerar muito os processos de transformação das paisagens. Exemplos abundam, mas para não ir muito longe podemos verificar a rapidez com que a Mata Atlântica, a enorme floresta que fazia do encontro entre o continente e o mar, uma poesia, em praticamente toda a costa leste brasileira, desapareceu. Hoje, reduzida a pequenos fragmentos que totalizam cerca de 10% de sua extensão original, a Mata Atlântica é uma lembrança do que foi e um aviso do que pode ser a Amazônia do futuro.

As florestas no Brasil sempre foram tratadas como uma maldição, um inferno verde do qual deveríamos nos livrar para alcançar algum paraíso perdido, certamente poluído, árido e feio. A violência sempre caracterizou os processos de ocupação e de conversão das paisagens florestais e na Amazônia não é diferente, ainda hoje, em pleno século XXI. Deveríamos ter aprendido alguma coisa, mas não...

A média do desmatamento na Amazônia nos últimos 40 anos é de cerca de 2 mil árvores por minuto. Com as árvores, muito mais se vai... A Amazônia é lar de cerca de 25% de todas as espécies de plantas e animais que existem na Terra. Plantas que nem sequer sabemos que existem antes que desapareçam.

Sequer saberemos se ali residia a cura definitiva para o mal de Alzheimer, para os diversos tipos de câncer ou para a Covid-19. Não conheceremos animais que poderiam nos ajudar a conviver com a hipertensão ou com o diabetes. Vale sempre lembrar que a aspirina veio da casca do salgueiro, uma árvore presente em praticamente todo o hemisfério norte e que o veneno da jararaca, uma serpente brasileira, é a origem do remédio mais usado no mundo contra pressão alta.

Além disso, ainda hoje, na parte brasileira da Amazônia estão presentes mais de 200 povos indígenas que falam mais de uma centena de línguas. Esses povos possuem conhecimentos sobre a floresta que podem ajudar a identificar novos medicamentos, mas também são os primeiros a perceberem os efeitos da crise climática. A floresta, agora, não é mais apenas comida pelas bordas, ela é comida por dentro pela mudança do clima, combinada com o desmatamento: incêndios acontecem onde jamais foram vistos, processos ecológicos ficam descompassados e os sinais que a natureza dava desapareceram. Cigarras não cantam anunciando a chuva, insetos polinizadores não aparecem na hora que as flores estão esperando por eles, e a floresta queima escandalosamente...

Como as chuvas nas regiões sudeste e centro-oeste do Brasil dependem da umidade

amazônica, não apenas povos indígenas ficarão sem ter o que comer. Nossa alimentação, garantida pelos agricultores familiares, pode colapsar e o resultado não será um paraíso pós-floresta e sim, um mundo mais pobre, mais faminto, menos diverso e significativamente mais quente.

Amazônia

E eu com isso?

nurit bensusan

ilustrações de Taisa Borges

